

Emil Burihan

“Considero que eu faço parte do sistema. Trabalhei muito para que a Escola Paulista de Medicina chegasse a este ponto. Dediquei a maior parte da minha vida em atividades à Escola e por isto ela significa muito para mim.”

Meu nome é Emil Burian. Nasci em Itápolis, no Estado de São Paulo e ainda pequeno a minha família mudou-se para São Paulo. Meus pais eram de origem libanesa, mais precisamente de Hasbaya, no sul do Líbano. Sou filho de Alexandre Burian e Vitória Burian... Meu pai era industrial e tinha uma loja de tecidos... Tive um só irmão, que trabalhava com meu pai na indústria... Na minha casa se falava árabe, principalmente minha mãe, e duas tias paternas e com elas eu aprendi a falar e entender o árabe. Atualmente eu entendo tudo perfeitamente, mas a comunicação tornou-se menos fluente por falta de convivência. Meu pai tinha feito um curso universitário no Líbano e teve mais facilidade para se expressar em português. Inicialmente morávamos na Rua Sampaio Viana, no bairro do Paraíso, depois mudamos para a Rua Rafael de Barros, e quando me casei passei a residir na Rua Treze de Maio. Sou casado, tenho quatro filhos, sendo dois homens e duas mulheres. Atualmente moro na Alameda Joaquim Eugênio de Lima, no Jardim Paulista... Sou católico, onde fiz minha primeira comunhão e sempre fui educado em Igreja Católica, mas os meus pais eram ortodoxos. a minha vida toda fui educado em igreja católica, apesar de meus pais serem ortodoxos. Estudei no Externato Nossa Senhora Aparecida, no curso primário; no Colégio Oriental fiz o curso ginásial e no científico cursei o Colégio Bandeirantes até a metade da 3ª série. Eram todos estabelecimentos privados e todos no mesmo bairro onde morava. Completei o curso colegial no Colégio Pan-Americano, que pertencia à Escola Paulista de Medicina e tinha um curso preparatório para o vestibular. Durante o ginásio e o colegial eu freqüentava a Biblioteca Pública Municipal e como gostava muito de literatura portuguesa e tinha o hábito da leitura, eu recebia dois livros para ler em casa, mas tinha que devolver em três dias; portanto, consegui durante esses anos o meu objetivo, o que me ajudou muito na parte cultural e do conhecimento de História.

Minha escolha para fazer o curso de Medicina já vinha desde a infância, pois na época a Medicina era considerada uma profissão diferenciada e o médico uma figura muito respeitada e com grande prestígio na sociedade e muito referenciado em salvar pessoas. Portanto, não havia outro motivo e era uma espécie de vocação ou tendência individual.

Na época havia apenas duas escolas de Medicina no Estado de São Paulo: a Faculdade de Medicina da USP e a Escola Paulista de Medicina. Portanto, os concursos vestibulares eram muito concorridos e difíceis devido a grande demanda. Ingressei na Escola Paulista de Medicina em 1951 e me formei em 1956. O curso superior tem algumas etapas bem distintas que vão moldando a personalidade das pessoas. No primeiro ano o pavor inicial era com relação ao tradicional “trote” e éramos considerados os burros pelos veteranos.

Além disso, a parte acadêmica era muito difícil, soava sempre como uma novidade; uma espécie de Mundo Novo. No fim do primeiro ano já havia uma confraternização maior com os veteranos e passávamos a ser mais respeitados, formando uma grande família. Eu tinha um grande respeito pelos meus professores e me lembro até hoje do nome de todos e a disciplina e a série em que lecionavam. Nos primeiros anos o curso se desenvolvia nas cadeiras básicas como Anatomia, Biofísica, Bioquímica, Farmacologia, Microbiologia, Parasitologia, Fisiologia; não havendo contato com os pacientes, o que só ocorria no segundo semestre do terceiro ano. Uma das grandes dificuldades na época era a consulta aos livros para complementar os fundamentos teóricos; pois havia poucas publicações em português, sendo a maioria em espanhol, inglês ou alemão. Fiz um curso de inglês durante seis anos, tendo iniciado antes do ingresso na faculdade. Atualmente existem dezenas de livros de Medicina escritos em português, o que realmente proporciona maior facilidade para o aprendizado.

Concomitantemente aos estudos acadêmicos, uma atividade que empolgava era a prática de esportes. Na época havia uma competição esportiva muito importante, a chamada Pauli-Poli, que envolvia os alunos da Escola Paulista de Medicina e da Escola Politécnica, com duração de uma semana. Havia uma participação quase total dos alunos e da maioria dos professores; estes, evidentemente, na torcida. Era uma semana de grande vibração e entusiasmo, com estádios lotados. Cada aluno escolhia, treinava e participava do esporte que tinha aptidão; mas, algumas vezes, éramos chamados para completar o número de atletas necessários para determinada modalidade. Assim, eu fui escolhido no primeiro ano para participar das competições de remo. Naquela época havia somente uma raia localizada no rio Tietê, que separava dois clubes: o Tietê e o Espéria. Cada escola utilizava os equipamentos de uma das agremiações para treinar e competir; e para isto estávamos lá das 4 às 6 hs da manhã. Após o treino íamos para a Escola, onde ficávamos o tempo todo. Desenvolvi esta modalidade de esporte até o terceiro ano. Além deste participava também de bola ao cesto, vôleibol e tênis. Havia outros esportes muito concorridos, tais como: futebol, atletismo, natação e pólo aquático. Durante o meu período de faculdade conseguimos ganhar uma Pauli-Poli quando eu estava no quinto ano.

Como acadêmico fui representante de classe durante alguns anos, fazia a interlocução com os professores. Nas atividades políticas era considerado um moderado. Podíamos ainda participar de atividades extra-curriculares e nos primeiros anos fiz um estágio no Laboratório Central do Hospital São Paulo onde aprendia as técnicas dos exames. Uma outra atividade dos primeiros anos foi freqüentar, em regime de plantão, o Ambulatório da Policlínica Geral do Estado de São Paulo; onde ajudávamos no exame de pacientes juntamente com os docentes. Nos três primeiros anos tive um aprendizado muito importante em todas as cadeiras básicas, mas foi a partir do segundo semestre do terceiro ano, quando começou o ensino das cadeiras clínicas nas enfermarias e ambulatórios, que ocorreu a motivação maior.

Ao entrar para a Escola eu já tinha uma pré-opção em mente que era a área cirúrgica. No quarto ano havia duas disciplinas muito importantes cujos professores marcaram muito a minha carreira: o Professor Jairo de Almeida Ramos, catedrático de Clínica Propedêutica Médica, e o Professor Alípio Correa Netto, catedrático de Clínica Propedêutica Cirúrgica. Havia um internato extra-curricular nas duas disciplinas onde participava das atividades da

enfermaria e do ambulatório. Os dois professores tinham grande influência na área médica e foram os fundadores da Associação Paulista de Medicina e depois da Associação Médica Brasileira. Este internato se desenvolveu nos três últimos anos e me deram uma base sólida para a minha formação médica. A participação nos plantões era um anseio muito grande. Quando ainda estava no quarto ano passei a dar plantões na Disciplina de Obstetrícia, quando tive o meu primeiro contato com os partos. Os plantões eram às quintas-feiras das 19 hs até às 7 hs do dia seguinte.

Ainda como atividades extra-curriculares freqüentava, fora do período das aulas, uma das enfermarias de cirurgia da Santa Casa de São Paulo, instrumentando cirurgias, a mesma atividade que exerci na clínica privada do Professor Henrique Melega, docente da Disciplina de Técnica Operatória e que também trabalhava no Hospital Santa Cruz.

A Escola era mantida por uma fundação e nós pagávamos a anuidade. Em 1954 ela foi federalizada e o ensino passou a ser gratuito. Passamos a observar o crescimento da área física da Escola, que no início ocupava apenas um quarteirão do bairro de Vila Clementino, compreendendo as ruas Botucatu, Pedro de Toledo, Napoleão de Barros e Borges Lagoa. Na rua Botucatu, no prédio onde hoje se localiza o anfiteatro Leitão da Cunha, eram desenvolvidas as atividades da área básica. Ainda como aluno acompanhei a construção do edifício que abriga o anfiteatro Lemos Torres, para onde se deslocaram as disciplinas de Histologia, Patologia e Anatomia Patológica. Posteriormente foi construído o edifício Clóvis Salgado, que passou a ser ocupado pelas Disciplinas de Fisiologia, Farmacologia, Biofísica e Bioquímica. A Anatomia permaneceu na mesma área que ocupa até hoje.

Quando eu era aluno de graduação havia um respeito muito grande pelos professores. O acesso e o relacionamento com os mesmos eram quase impossíveis, com raras exceções, diferente do que ocorre hoje em que os alunos além de terem representações em quase todos os colegiados superiores e podem manifestar suas opiniões com mais propriedade, tornando o relacionamento com os professores mais fácil.

Quando me formei foi instituído um sistema que se chamava Médico Interno. Este trabalho era constituído por plantões no Serviço de Emergência do Hospital São Paulo, que funcionou durante muitos anos no subsolo do Hospital com a entrada pelo portão inferior do edifício na Rua Napoleão de Barros. Além dos dois plantões a cada três dias tínhamos atividades de enfermaria de clínica cirúrgica. Este foi o embrião inicial do sistema que hoje conhecemos como Residência Médica. Na mesma ocasião fomos escalados para participar das atividades cirúrgicas do antigo Hospital do IAPC, hoje Hospital Brigadeiro, quando não estávamos de plantão. Isto se desenvolveu durante três anos, quando então teríamos que optar por uma especialidade.

Antes de concluir o período de Médico Interno, em 1958, me casei com Eliana Azem Burihan e tivemos quatro filhos: dois homens e duas mulheres. A escolha da especialidade era uma tarefa muito difícil, pois muitas disciplinas tinham fortes atrativos. Durante o curso médico era ensinada mais intensamente, dentro da Cirurgia Vascular, a patologia venosa e linfática. O que me facilitou a escolha por esta especialidade foi o fato de apresentar na época uma seqüência de novas modalidades terapêuticas que não havia anteriormente, como a Cirurgia Arterial, que passou a ter um grande desenvolvimento em todo o mundo.

O desenvolvimento aqui na escola foi possível devido a vinda do Dr Hélio Martins Coelho a convite do Dr Silvio Borges, membro da Disciplina de Cardiologia. Os dois permaneceram por alguns anos em estágios fora do Brasil. O grande desenvolvimento da moderna cirurgia arterial ocorreu inicialmente nos EUA, pois exigia investimentos de grande porte e foi lá que o Dr Hélio permaneceu por seis anos antes de vir para a Escola. O Dr Silvio Borges esteve numa grande instituição de aperfeiçoamento da cardiologia na cidade do México. Devido a estes novos atrativos da especialidade me incorporei como Assistente Voluntário, (cargo que não existe hoje na carreira universitária), à Disciplina de Cirurgia Vascular, freqüentando ambulatorios, enfermarias e o centro cirúrgico. Outro acontecimento que colaborou muito para o desenvolvimento da Escola foi a vinda do Prof. Zerbini, da USP, a convite e incentivo dos professores Jairo Ramos e Alípio Correia Netto, para chefiar um grupo de cirurgia cardíaca. Com esta função permaneceu durante dez anos, e neste período tive a oportunidade de aprender com ele fundamentos de cirurgia.

O tripé dos objetivos da Escola Paulista de Medicina sempre foi: Ensino, Pesquisa e Extensão (assistência médica). Todos eles me atraíam e por isto mesmo tomei a decisão de permanecer ligado às atividades da Escola. Iniciei como Assistente Voluntário da Disciplina de Cirurgia Vascular no Departamento de Cirurgia até o ano de 1966, quando fui indicado para o cargo de Auxiliar de Ensino (função que hoje não mais existe na carreira universitária) com a remuneração de uma bolsa. Nesse cargo permaneci até 1971, quando o governo federal autorizou a abertura de vagas para o cargo de Professor Assistente em concurso público. Realizei com sucesso o concurso nesse ano e passei a ter uma ligação mais sólida com a Escola Paulista de Medicina na área de ensino tanto na graduação, como na extensão com os residentes; e também na área assistencial aos pacientes.

Em 1972 terminei uma pesquisa na Disciplina de Anatomia cujo tema era: Terminação da Veia Safena Parva. Com ela defendi naquele ano a Tese de Doutorado. Com este título obtive os créditos necessários para concorrer a uma vaga de Professor Adjunto em concurso público que constava da apresentação de títulos e provas, didática e prática-oral, que foi realizado naquele mesmo ano. Nessa época alguns professores almejavam, concorrer ao título de Livre-Docência, que é um concurso mais completo. Consta de análise do currículo, prova escrita sorteada entre 20 pontos da matéria curricular; prova didática, também sorteada 24 horas antes da apresentação; prova prática-oral e defesa de uma tese. Realizei este concurso em 1974, tornado-me o primeiro Livre-Docente de Cirurgia-Vascular da EPM. Em 1978 foram abertas as vagas para Professor-Titular e prestei este concurso público que constava da análise e arguição do currículo e prova didática de livre escolha do candidato. Fui aprovado e me tornei o primeiro Professor-Titular de Cirurgia Vascular da EPM, passando a integrar o Colegiado Superior, que na época era a Congregação.

Na década de 1970 houve um grande impulso e também um salto de qualidade com a introdução dos cursos de Pós-Graduação, criados pelo Conselho Federal de Educação a partir da lei Sucupira, que se destinavam a formar pesquisadores e professores. Em 1979 foi credenciado pelo CFE (Conselho Federal de Educação) o curso de Pós-Graduação em Cirurgia Cardíaca, Vascular e Anestesiologia da EPM, cujo primeiro coordenador foi o Prof. Costabile Galucci, Titular da Cirurgia Cardíaca, que era supervisionado pela Comissão de Pós-Graduação e avaliado pela CAPES, anualmente. Os alunos provinham da própria instituição ou então de várias universidades federais e estaduais do nosso país e

também de outros países da América Latina. Isso permitiu que houvesse uma sistematização das pesquisas, tornando obrigatório as mesmas para as defesas de Teses de Mestrado e Doutorado. Na nossa área tivemos a oportunidade de titular inúmeros professores de universidades de todo o país, pois no início era o único curso credenciado pelo Conselho Federal de Educação. Ressaltamos que todos os atuais docentes da Disciplina de Cirurgia Vascular da atual UNIFESP, puderam se titular por este sistema.

Fui indicado como Chefe da Disciplina de Cirurgia Vascular pelo Conselho do Departamento de Cirurgia da EPM em 1977. Com este cargo e depois em 1978, já como Professor Titular, além da participação no Colegiado Superior, que na época era a Congregação, fui indicado para inúmeras comissões, que atuavam em diferentes frentes, tais como: relacionadas com o ensino médico, em atividades administrativas e acadêmicas, outras envolvendo o Hospital São Paulo e o Departamento de Cirurgia. Fui eleito Chefe do Departamento de Cirurgia em três triênios: 1981-1984; 1993-1996 e 1996-1999. Este cargo exigia praticamente uma dedicação exclusiva, com muitas horas diárias de trabalho, tamanhas eram as atribuições que incluíam desde o ensino, a assistência médica sob responsabilidade do Departamento até as funções burocráticas das secretarias das disciplinas e o acompanhamento da carreira universitária com o trabalho de mais de cem docentes; sem esquecer uma atenção especial com os inúmeros funcionários sob a nossa responsabilidade.

A atividade na graduação é intensa. A Disciplina de Cirurgia Vascular ministra um curso teórico-prático para os alunos da quarta série do curso médico e outro para os alunos da sexta série sob a forma de internato, com rodízio de 6-8 alunos por turma com duração de 15 dias. Neste período os mesmos têm atividades na enfermaria, ambulatório, pronto-socorro, laboratório de fluxo vascular e setor de angioradiologia, além da participação nas reuniões científicas semanais.

Quero ressaltar a atuação na área de Pós-Graduação, em que o curso foi credenciado pelo Conselho Federal de Educação em 1979 nos níveis de Mestrado e Doutorado, que se destinava a formar professores e pesquisadores; da qual fui Coordenador da especialidade desde o início até o ano 2000. Os primeiros alunos eram membros da Disciplina, mas posteriormente, durante muitos anos, recebeu alunos da maioria dos Estados brasileiros provindos de universidades federais, estaduais ou privadas. Evidentemente que houve uma sobrecarga gigantesca tanto nas atividades docentes como também nas administrativas, pois estas exigiam a participação em inúmeras reuniões das comissões de Pós-Graduação e relatórios anuais para serem submetidos à avaliação da CAPES. A parte nobre era realmente a orientação dos alunos nos seus projetos de pesquisa para depois deferem teses de Mestrado ou Doutorado. No período de vinte anos foram defendidas sob a minha responsabilidade final cerca de 40 teses de mestrado e cerca de 20 teses de doutorado. Devido a essa importante atividade o curso teve a possibilidade de proporcionar a oportunidade de obter a titulação para inúmeros professores das mais diferentes universidades brasileiras e também de alguns países da América Latina. Fui eleito Coordenador Geral do Curso de Pós-Graduação em Cirurgia Cardiovascular e Anestesiologia da EPM no período de 1989-1993. Devido a grande dedicação ao ensino fui honrado para ser o Parainfo de duas turmas do curso médico, em 1975 e 1977. Pelo mesmo motivo fui homenageado por mais seis turmas de formandos da EPM. Portanto me

considero uma parte muito importante de todo esse sistema de crescimento da nossa universidade, pois a dedicação foi quase total. Eu dediquei a maior parte da minha vida à Escola. Eu faria tudo isto novamente, apenas com a ressalva que gostaria de dedicar mais tempo a minha família.

A atuação na área associativa foi outra atividade de dedicação intensa na Escola, pois sendo membro da Sociedade Brasileira de Angiologia e Cirurgia Vascular tive a oportunidade de exercer inúmeras funções e ocupar vários cargos eletivos desde a minha filiação em 1967. Exerci o cargo de Presidente Nacional da Sociedade de 1975 a 1977 e várias vezes fui eleito para o cargo de Secretário-Geral, Tesoureiro, Vice-presidente e outros. Atualmente faço parte do Conselho Superior e fui indicado recentemente para uma comissão especial de assessoria estratégica da diretoria. As mesmas atividades exerci na Regional de São Paulo da mesma sociedade, tendo sido eleito Presidente em dois mandatos: 1975-1977 e 1977-1979, e atualmente sou Membro do Conselho Superior.

Particpei de todos os Congressos organizados pela Sociedade desde 1967 até o presente. Os Congressos eram anuais até 1973 quando então passaram a ser realizados a cada dois anos. Além da grande participação administrativa a atuação maior era nas atividades científicas como conferencista, debatedor, moderador de simpósios, presidente de mesa e em Congressos que eram realizados nas diversas capitais brasileiras. Fiz parte do Conselho Científico, participando das bancas examinadoras dos concursos para obtenção do Título de Especialista que são realizados anualmente antecedendo os eventos científicos. Esta atividade exerço desde 1973 até o presente, sendo que nos últimos quatro anos como presidente da Comissão de Ensino. Na Regional de São Paulo as atividades são intensas, participando das reuniões mensais onde na primeira hora são tratados temas administrativos e por duas horas uma sessão científica. Anualmente é realizada uma jornada médica chamada de Encontro São Paulo de Cirurgia Vascular e a minha atividade é exercida tanto no nível administrativo como também na parte científica. Esta atividade científica foi também muito desenvolvida em eventos internacionais tais como os Congressos Mundiais e o Norte Americano; este último realizado todos os anos em diferentes cidades daquele país. Tive a oportunidade de participar destes por vinte anos consecutivos. Aproveitando estes eventos internacionais tive a satisfação de conhecer grandes serviços tanto norte-americanos como também europeus e asiáticos em visitas de curta duração. Isto tudo enriqueceu em muito os meus conhecimentos médicos e científicos.

É evidente que mais uma vez tenho que ressaltar a necessidade de grande dedicação para conseguir executar as funções da maneira mais apropriada.

Durante todo este tempo freqüentando a Escola presenciei inúmeras greves deflagradas por todas as categorias, desde os alunos e residentes até o corpo docente, com reivindicações por diferentes motivos como por melhores condições de ensino, de trabalho ou melhoria salarial. Inúmeras vezes o nosso hospital de ensino e assistência ficou fechado por dias, semanas e até meses, devido aqueles motivos; conseqüentemente acarretando grande prejuízo tanto para o ensino como para a assistência médica aos pacientes. Felizmente, nos últimos anos passamos por fases de calma em todos os níveis. Contudo, nunca presenciei conflitos de classes sociais tanto nos meus tempos de estudante como também ao longo da carreira docente. Os meus colegas de turma procediam das mais diferentes origens e classes

sociais e nunca houve nenhum tipo de diferenciação. O que havia era a capacidade de estudo, dedicação e trabalho. Caso fosse um aluno estudioso passava de ano e se não fosse teria problemas para a sua aprovação. Essa foi a única diferença que eu pude presenciar e observar ao longo de muitos anos.

Interessante que se fale de outros aspectos do crescimento da Escola Paulista de Medicina. Inicialmente era conhecida como a “escolinha” da Vila Clementino, pois localizava-se apenas num pequeno quarteirão onde se desenvolviam todas as atividades de ensino e também do Hospital São Paulo, que além de prestar a assistência aos pacientes é também hospital de ensino. Muitos prédios foram construídos à medida que cresciam as atividades de ensino, pesquisa e extensão. A área básica transferiu-se de pequenos espaços para grandes edifícios. Pude presenciar como aluno e depois como docente esse fantástico crescimento físico. Assim sendo, como aluno acompanhei a construção do edifício onde se situa o anfiteatro Lemos Torres, localizado no mesmo quarteirão inicial. Logo a seguir foi construído o Edifício Clóvis Salgado, localizado entre a rua Pedro de Toledo e a rua Loefregeen e nesse espaço veio se agregar a BIREME, que foi uma grande conquista, pois é uma biblioteca de grande porte e de grande conceito em todo o mundo. Os alunos e professores passaram a ter fácil acesso para consultar livros e periódicos nacionais e internacionais. A EPM era uma das responsáveis pela manutenção da biblioteca. Isto nos envaideceu muito pela grande referência que representava. O Edifício Clóvis Salgado passou a abrigar a maioria das cadeiras básicas e depois, graças ao grande prestígio de alguns professores, foi construído o edifício chamado de INFAR, que abriga as disciplinas de Farmacologia e Bioquímica. Tudo isto era muito próximo, o que era considerado um grande trunfo, pois sempre permitiu um contato muito estreito entre os membros das áreas básicas e os das áreas clínicas, auxiliando muito nas pesquisas e no ensino.

O grande crescimento nas atividades científicas e na produção do conhecimento transformou a “escolinha” num verdadeiro gigante que é hoje reconhecido, pelos diferentes órgãos de avaliação, como o maior centro de pesquisa e ensino do sistema federal de educação. Durante muitos anos alguns professores quiseram que a escola isolada se transformasse em uma universidade e foram feitas inúmeras tentativas ao longo dos anos, mas, infrutíferas. As dificuldades esbarravam em vários obstáculos em diversos órgãos governamentais, incluindo o Ministério da Educação. Finalmente, em 1995 esse sonho foi realizado nos transformando na primeira universidade brasileira exclusivamente na área da saúde; o que era o nosso desejo. Isto também contribuiu para a melhoria do “status”, obtendo uma melhor representatividade em todos os órgãos afins. O crescimento passou a ser maior ainda, tanto na área física como na produção científica.

Atualmente, conseqüente a esta primeira reforma estrutural, foi solicitado pelo Ministério da Educação, pela sociedade e outros diversos órgãos que se criasse novos cursos em diferentes áreas do conhecimento, que não exclusivamente ligados à área da saúde. Isto levou a criação de vários novos campi na cidade de São Paulo e também em outras cidades. Mesmo na área pertinente a Medicina com o avanço vertiginoso dos conhecimentos e da tecnologia, inúmeras disciplinas foram criadas e incorporadas ao currículo de graduação e também da pós-graduação. Hoje, a pequena “escolinha” da Vila Clementino já não consegue mais conhecer todas as suas áreas. Admitimos que isto faz parte do progresso e que estamos diante de uma nova situação, irreversível, e aceitamos perfeitamente.

No final do ano 2000 obtive a minha aposentadoria compulsória estabelecida, mas não me afastei totalmente da minha escola. A convite, tenho uma participação nos simpósios dos alunos que fazem estágio na Cirurgia Vascular e participo das reuniões semanais do curso de pós-graduação da mesma disciplina. É um trabalho espontâneo e voluntário que me permite ter uma pequena ligação com a universidade.